

# Suplemento Cultural

## “Memórias... e outras histórias” – um livro-exemplo de vida e determinação

**RUBENIO MARCELO – MEMBRO E SECRETÁRIO-GERAL DA ASL**

Com alegria, recebi [do escritor Oswaldo Barbosa de Almeida] o livro “Memórias... e outras histórias” (tipo autobiografia – ilustrada com diversos acontecimentos) contendo 340 páginas patenteando reminiscências da sua vida, sublinhando os aspectos familiares, telúricos, profissionais, bem como (conforme ele afirma) “entrelaçando histórias vividas ou ouvidas, ou contadas por abalizados historiadores, e fatos e personagens com os quais conviveu ou dos quais teve conhecimento, seja em contatos pessoais, ou ouvindo de terceiros (...)”.

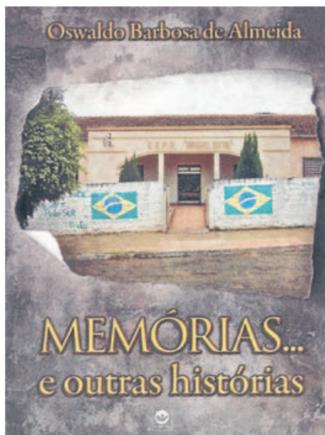
Confesso que, em virtude de atividades e outros estudos pré-agendados, não era minha intenção, a priori, ler de imediato a referida obra. Entretanto – movido pelo natural impulso que nos envolve quando temos acesso a um inédito material bibliográfico –, resolvi ‘correr a vista’ pelas suas primeiras páginas e, assim (arrebato por aquele magnetismo próprio das leituras aprazíveis e atraentes), fui deveras compelido a saborear (com calma, lendo e relendo) todo o consistente volume de “Memórias... e outras histórias” no mesmo dia.

E que livro maravilhoso! Sim, não tem como esta publicação (dotada de beleza e profundidade) não ser assim timbrada – um livro que prende, certamente, até o mais distraído leitor, com as constantes surpresas e os aspectos didáticos que se sucedem a cada página, e a leveza do enredo

“

Em ‘Memórias... e outras histórias’ tudo é expresso com a escorreita linguagem do autor, que – permeando emoção e vigor descritivo – mescla seus registros evocativos com roupagens pitorescas do cotidiano”

que se desencadeia, em estilo límpido e fluente. Em “Memórias... e outras histórias” tudo é expresso com a escorreita linguagem do autor, que – permeando emoção e vigor descritivo – mescla seus registros evocativos com roupagens pitorescas do cotidiano (aliás, este ângulo satírico contido em várias passagens confere, outrossim, característica peculiar do envolvente modus scribendi do memorialista Oswaldo Barbosa de Almeida). Ademais, o leitor é brindado especialmente com relatos paralelos da nossa história regional e também do País e do mundo (relevantes fatos políticos e detalhes socioculturais



Bela capa – de cunho cívico e feição saudosista

acontecidos a partir da década de 40). Tudo garantindo a admirável estrutura composicional da obra.

Oswaldo Barbosa de Almeida nasceu em 25 de janeiro de 1942, no distrito de Jauru, então município de Herculânea, hoje Coxim/MS. Ainda criança, mudou-se com seus pais para Camapuã, onde cursou as séries iniciais e recebeu seus primeiros aprendizados. Aos doze anos de idade, veio (com a família) para Campo Grande, onde prosseguiu (e concluiu) seus estudos, bacharelando-se em Direito pela FUCMT. Homo laboris, Oswaldo enfrentou desde o início, nesta Cidade Morena, uma ‘dura luta pela sobrevivência’, tendo sido engraxate, vendedor/‘comerciante’, servente de fábricas de refrigerantes, frentista, entregador de mercadorias/

encomendas, locutor de rádio, além de ter prestado o serviço militar (Exército) e trabalhado na Prefeitura de Campo Grande, no Banagro, no Banespa, na Planoeste, na Cohab/MS, e no TRT. Atualmente, é advogado e servidor público federal aposentado.

Nas narrativas factuais (e episódios ilustrativos) de “Memórias... e outras histórias”, constatamos várias referências – feitas por Oswaldo Barbosa – a membros (saudosos e atuais) da nossa Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, como, v. g., Hugo Pereira do Vale, Luiz Alexandre de Oliveira, Adair José de Aguiar, Paulo Coelho Machado, Arassuay Gomes de Castro, J. Barbosa Rodrigues, Acyr Vaz Guimarães, Eduardo Metello, Frei Gregório de Protásio Alves, Nelly Martins, Wilson Barbosa Martins e Hildebrando Campestrini.

Além de prefaciado pelo acadêmico Reginaldo Araújo (atual presidente da ASL), o livro traz [na contracapa] louvores em versos sonetados do acadêmico Geraldo Ramon Pereira, que assim assevera, com propriedade, nos tercetos: “E delego ao leitor a fiel ventura/ De sorver nesta sã literatura/ O saber singular do seu autor...// Que soube resgatar o ido tempo/ E guardar neste belo livro-templo/ De ‘Memórias... e histórias’ – vida e amor”.

Sim, esta é uma magnífica obra de narrativas memorialísticas de Oswaldo Barbosa – mas, principalmente, é um livro-exemplo de vida, amor e determinação. Vale a pena conferir!

## QUEM MORA AQUI SOU EU!

**TEREZA HILCAR**

O telefone é um ser estranho. Companhia agradável, na maioria das vezes, noutras é incômodo sem precedentes. O meu tirou a semana pra me chatear. E como chateia! Quando quero que toque, passa o dia numa mudez desconcertante. E nas horas que preciso de sossego, cisma de falar pelos cotovelos.

– Alô, queria falar com Carlos Augusto.

– Não tem ninguém com esse nome aqui.

– Mas como não tem? Ele me deu esse número.

– Desculpe-me, mas ele lhe deu o número errado.

– Cinco minutos, lá vem ele novamente.

– Chama o Carlos Augusto, por favor.

– Você está discando errado, minha filha. Repito devagar o meu número, pra ver se ela entende de uma vez por todas.

Quando penso que me livre do engano, ele insiste outra vez.

– Cadê o Carlos Augusto?

– NÃO TEM NENHUM CARLOS AUGUSTO AQUI.

Desligo, tentando imaginar como o meu número foi parar na mão de outra pessoa. Será que não andei distribuindo cartão de visita demais? Vai ver, alguém achou bonito o número e fica espalhando por aí. Só pode. Ou então a Telems endoio de vez.

Não tenho feito outra coisa senão explicar que o número é meu. E faz tempo. Está lá na lista para quem quiser conferir. Mas ele continua insistindo. Pergunta pela Soninha, pela Rosa, manda chamar o Epaminondas, deixa recado pro Jorginho e insiste em perguntar por que o Tadeu não atende o telefone. Dá até vontade de fazer como meu amigo Mauricio, que chega a anotar todos os recados. E mais, pega a encomenda de pizza, anota o pedido de remédio, diz que fulano saiu com outra... Faz o diabo. “É melhor se divertir com o engano”, diz ele. Mas eu, que não entendo esse savoir-faire do Mauricio, acabo mesmo ficando irritado com o danado do Graham Bell.

Pior que o telefone só a secretária eletrônica. Agora mesmo descobri que ela está de conchavo com ele. É só chegar em casa, apertar o portão, e ela sai em disparada: “Olha, meu bem, tem uma dona aí na sua casa que não me deixa falar com você. Vê se dá um jeito nisso”. E a “dona” no caso deve ser eu. Duro mesmo é quando gastam a fita inteira, só pra deixar recados românticos – que de românticos não têm nada. Houve um tempo que eu até escutava a fita duas vezes pra ver se descobria o autor. Acabei desistindo. Não perco mais tempo.

Mas que incomoda, isso lá incomoda! Porque não ligam me convidando para fazer uma viagem ao Peru, um cruzeiro pelas Ilhas Gregas, ou quem sabe me dar notícias de uma herança? Que nada! Ando até desconfiada que meu telefone deve estar passando por algum inferno zodiacal.

– Oi minha filha tô ligando pra contar que o seu tio Zeca morreu...

– Por acaso eu tô no testamento?

– Que isso menina? Que falta de respeito!

– Liga não mãe. É só um telefonema...

## POESIA

**ANSIEDADE**

*Quando eu for para longe...  
Quando eu puder navegar  
Pelos mares tão mansos e azuis,  
Quando eu puder voar pela amplitude dos céus,  
Sem rumo, ao léu,  
Ao vogar das correntes sussurrantes,  
Ou ao estrépito da tempestade bravia...*

*Como serei feliz  
Em poder libertar-me,  
Romper os laços destas correntes que me prendem,  
Me tolhem, me seguram com vigor...*

*Poder partir, sem lembranças,  
Sem ninguém, a ninguém ver,  
Caminhar sem destino,  
Vendo apenas Deus e a natureza,  
Que beleza!  
Quando eu puder libertar ao menos o pensamento  
Para ter o coração tão livre como o vento,*

*Aí, eu viverei  
E serei feliz  
Porque nada terei, nem sentirei  
O peso de todas essas coisas vão  
Que me tolhem, me prendem, me acorrentam  
Fazendo-me sentir na minha vida inteira  
O verme que sou, vegetando na poeira.*

ENEIDA RODRIGUES

## EVOLUÇÃO E RENÚNCIA

**ALTEVIR ALENCAR**

A lei futura está, não há dúvida, no Evangelho de Cristo e se realizará no esperado reino de Deus. Mas esta lei nos aparece hoje como um caso limite, de que só é possível avizinhar-se por aproximações sucessivas, por meio do uso inteligente das forças biológicas e psicológicas. As verdadeiras soluções partem do indivíduo, do coração do indivíduo atingem a substância, mudando primeiro a conformação da alma individual. Não se trata de experiências coletivas exteriores, de sistemas reorganizadores; trata-se de maturação psicobiológica; trata-se de compreendê-la e de secundá-la. E não pode ser negada, porque é ir-resistível.

O problema pode considerar-se como religioso, político, econômico, jurídico, artístico, científico; atinge o homem integral e, portanto, todas as suas manifestações. Não se trata de destruir, mas de sublimar as notas fundamentais da

personalidade; vontade cada vez mais viril, inteligência mais aguda, coração sempre mais sensível e aberto. É a redenção de Cristo. O Evangelho é seu código, a virtude é a norma, a vida dos santos, a experiência. É a fé que anima todas as religiões, cada uma em seu nível. Corpo e espírito são posições vizinhas, duas fases, dois mundos, duas leis. O homem conquistou o poder fora de si, o domínio da Terra. Agora tem que conquistar o Poder dentro de si, o domínio do espírito.

A sociedade moderna está esmagada pelo peso de hábitos custosos e supérfluos; é uma corrida à multiplicação artificial das necessidades, escaradão real, alegria efêmera, porque se desvaloriza com o costume.

Há uma pobreza econômica, que pode amplamente ser compensada por uma grande riqueza moral, como existe uma miséria moral que nenhuma riqueza poderá jamais preencher. Esse é o nosso tempo. O deus utilitário de nossa civilização moderna impõe, a cada dia, um

esforço maior do que impõe o deus da renúncia. Mesmo se obtivermos a riqueza, que nosso coração esteja desapegado dela. Muitos pobres são apenas ricos frustrados, igualmente ávidos e culpados. Eles terão ainda que sofrer e superar a prova da riqueza, para aprender a sublime lição do desapego.

É mister não esquecer que a evolução não se força nem se usurpa, porque se trata de um amadurecimento contínuo, que só se pode obter por meio de longo trabalho constante, mas se pode facilitar e acelerar sua realização, escolhendo o caminho, ao invés de lançar-se em tentativas, à mercê do acaso.

O valor supremo do homem não consiste em abandonar-se irresponsavelmente à função animal de procriar, mas reside em enfrentar consciente e responsável a função moral de criar.

Num nível mais alto, o homem é feito para o trabalho, para a criação material e espiritual, para o domínio sobre a natureza e sobre si mesmo; a mulher é feita para o sacrifício e a formação de almas. Esta é a meta substancial. Esta é a Lei.

## A LINGUAGEM DAS PLACAS

**ADAIR JOSÉ DE AGUIAR**

Os símbolos sempre estarão presentes na vida humana, quer das pessoas físicas, como nos grupos sociais.

São emblemas ou figuras representativas de um objeto. Ou ainda: imagem com que se designa, de modo sensível, uma coisa puramente moral, uma ideia, um conceito, um valor, uma verdade.

Quando estudante, costumávamos repetir: “Ubi fumus, ibi ignis.”

Onde há fumaça, existe fogo. Realmente, à fumaça está associada a ideia de fogo. Pode-se dizer que a fumaça é um sinal, um símbolo de fogo. A Bandeira é um símbolo da Pátria, e

assim por diante.

De Itajaí a Blumenau, em Santa Catarina, são cinquenta quilômetros pontilhados de símbolos, ou melhor, de placas contendo orientações de tráfego. Símbolos de como deve ser o tráfego nas estradas.

Achamos alguns muito curiosos; e todos, muito necessárias e tivemos o capricho de copiá-los para esta reportagem.

“Motorista não Corra” – “Motorista não corra, não mate, não morra” – “Motorista de ônibus essas vidas estão em tuas mãos” – “A vida é breve não a encurte mais ainda” – “Ama a vida porque a morte te namora” – “Os imprudentes em geral não vol-

tam” – “Não seja escravo da máquina, use mais o bom senso e menos o acelerador” – “Não beba se quer dirigir” – “Mas se insistir em dirigir bêbado morra sozinho” – “Não seja esta a tua última viagem” – “Dirija sem ódio” – “Motorista seja responsável evite uma tragédia” – “Atrás de uma bola sempre vem uma criança” – “Sempre há alguém pensando em ti” – “Sempre há alguém precisando de ti” – “Sempre há alguém esperando por ti” – “Povo educado tráfego disciplinado” – “Saiba ir para poder voltar”.

Afora estas, há as das Firmas e as de boas-vindas aos inúmeros turistas.

São símbolos de prudência, de bondade, de humanismo, de responsabilidade, de preservação da vida, de felicidade enfim.

Estão ali e em todas as estradas do mundo, porque representam esses valores. Estão ali, para dizerem aos homens que os motores são seus escravos, e não os homens escravos das máquinas. Para afirmarem que a máquina é um auxiliar da vida e não um instrumento de destruição humana.

Já os romanos, na sua sabedoria tradicional, afirmavam: “Festina lenter”. Pressa-te devagar. Parece uma contradição. Mas os fatos comprovam que os cautelosos chegam primeiro, sempre chegam.

Sim, os símbolos representam verdades. “Serve ordinem et ordo servabit te”, conserva a ordem que a ordem te conservará. Vamos parafrasear: Conserva e observa as placas de sinalização, que elas te conservarão.